

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 
LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

O SÍTIO DE FOSSAS DA HORTA DO CABRAL 6. CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA IDADE DO BRONZE NA REGIÃO DO TORRÃO (ALCÁCER DO SAL, PORTUGAL)

Henrique Matias¹, Marco António Andrade², Cláudia Costa³, Hugo Aluai Sampaio⁴, Inês Simão⁵, António Monge Soares⁶, Rui Monge Soares⁷, Patrícia Monteiro⁸

RESUMO

A Horta do Cabral 6 localiza-se próximo da vila do Torrão, numa faixa aplanada com substrato de calcetreto (caliço), no qual foram abertas e, posteriormente, colmatadas, estruturas negativas de tipo *fossa*. Nas 17 estruturas intervencionadas recuperaram-se elementos cerâmicos, pedra lascada e afeiçoada e fauna mamalógica, entre a qual se conta um veado juvenil completo e articulado, depositado intencionalmente numa das fossas e atribuível ao Bronze Final do Sudoeste, através da datação pelo radiocarbono de uma amostra do seu material ósseo. Foram ainda recolhidos e identificados elementos vegetais carbonizados. O carácter doméstico da ocupação do sítio parece evidente. Insere-se num conjunto de sítios caracterizados pelo agrupamento de estruturas negativas e, normalmente, sem estruturas positivas, que têm vindo a ser identificados em diversos locais do Sudoeste peninsular. Este tipo de jazida da Pré-História recente permaneceu desconhecido até muito recentemente.

Palavras-chave: Interior-sul de Portugal, Idade do Bronze, Cultura material, Estruturas negativas, Datação pelo radiocarbono.

ABSTRACT

The Horta do Cabral 6 site is located near the town of Torrão. It covers a flat area with a calcetreto bedrock, in which some filled-up pit features were identified. The 17 excavated features yielded pottery sherds, flaked and ground stone artefacts as well as mammal remains, including a complete and articulated, intentionally deposited juvenile deer. Radiocarbon dating of a sample of this deer's skeleton places the site in the Southwestern Bronze Age. Charred plant remains were also found. The domestic nature of the occupation is apparent. Similar sites, characterized by concentrations of negative features and, often, lacking positive ones, have been identified in several areas of Southwestern Iberia. Until recently, this type of late prehistoric site was virtually unknown.

Keywords: South-interior Portugal, Bronze Age, Material culture, Negative features, Radiocarbon dating.

1. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Univ. de Lisboa, Faculdade de Letras, Univ. de Lisboa; hamatias@gmail.com

2. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Univ. de Lisboa, Faculdade de Letras, Univ. de Lisboa; marcoandrade@campus.ul.pt

3. ICArEHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behavior, Univ. do Algarve; cmcosta@ualg.pt

4. Laboratório de Paisagens, Património e Território, Univ. do Minho; hugoaluai@gmail.com

5. ERA Arqueologia, S.A.; inessimao@era-arqueologia.pt

6. Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares (C2TN), Instituto Superior Técnico, Univ. de Lisboa, Campus Tecnológico e Nuclear; amsoares@ctn.tecnico.ulisboa.pt

7. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Univ. de Lisboa, Faculdade de Letras, Univ. de Lisboa; ruigusmao@hotmail.com

8. ICArEHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behavior, Univ. do Algarve; pamonteiro@ualg.pt

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados na Horta do Cabral 6 foram executados no âmbito de trabalhos de Minimização de Impactes sobre o Património Cultural, resultantes da execução do *Adutor de Vale do Gaio (troço 4): Fase de obra* (EDIA), dirigidos por Henrique Matias e Inês Simão (ERA Arqueologia). Estes trabalhos traduziram-se na realização de onze sondagens de diagnóstico, implantadas no percurso do adutor, com o objectivo de avaliar da natureza patrimonial de um conjunto de “manchas” de morfologia circular, correspondentes ao topo dos preenchimentos de estruturas negativas escavadas no substrato rochoso.

No interior destas estruturas foram recuperados elementos de cerâmica manual, pedra lascada, pedra afeiçoada e fauna mamalógica. Numa delas foi identificado um esqueleto, quase completo, de veado juvenil, cuja posição anatómica indica uma inumação intencional. O estudo aqui publicado pretende apresentar os dados obtidos durante a intervenção arqueológica e inserir a Horta do Cabral 6 nos contextos do Bronze Final do Sudoeste, utilizando ferramentas analíticas clássicas para a interpretação do espólio arqueológico, assim como dados radiométricos e paleoambientais.

2. HORTA DO CABRAL 6

– CARACTERIZAÇÃO E MATERIAIS

2.1. Caracterização geográfica e geológica do sítio

O sítio da Horta do Cabral 6 localiza-se na freguesia do Torrão, concelho de Alcácer do Sal, distrito de Setúbal. As suas coordenadas geográficas são 38°17'18.0"N; 8°13'16.0"W (WGS84). Encontra-se a cerca de 200 m a SE da vila do Torrão, implantado sobre uma área aplanada configurando uma pequena rechã, numa vertente suave com pendente para SSW (Figura 1.A). Esta área é marcada por um relevo bastante recortado pela rede de drenagem do rio Xarrama, associada à escarpa de falha do Degrau do Torrão com orientação NW-SE (cf. Gonçalves & Telles Antunes, 1992, p. 11) (Figura 1.B).

Ao nível da visibilidade, apresenta uma vista bastante desimpedida para sul, a partir da qual se observa, destacadamente, o povoado calcolítico do Monte da Tumba (Figura 1.C).

A região em torno ao Torrão caracteriza-se por uma área limite entre o Maciço Antigo e a Zona de Ossa-

-Morena, a NE, a Zona Sul Portuguesa, a NW, e a bacia do Sado e respectivo enchimento sedimentar cenozóico, a W-SW. Assim, entre retalhos da penneplanície alentejana (subconjunto da aplanagem de Évora) e a bacia do Sado, verifica-se um relevo fortemente controlado por tectónica, que vai inclusivamente controlar todo o enchimento da bacia do Sado, durante o Cenozóico (Figura 1.B).

Na área onde o sítio se implanta, sob os níveis de utilização agrícola do terreno, verifica-se um substrato geológico bastante variado, onde se identificam três litologias diferentes: diorito, gabro e arenito (Figura 1.C-E).

De acordo com a Carta Geológica de Portugal a 1:50.000 (folha39-D), esta situação é explicada pelo facto da Horta do Cabral 6 se localizar especificamente no limite entre os dioritos e quartzodioritos do Carbónico do Maciço de Beja (Zona de Ossa-Morena), a NE, que se encontram fortemente afectados por intrusões filonianas (de “pórfiros de Beja” – Carbónico e de granitos biotíticos de grão médio – Westefaliano); e a Bacia do Sado, a SW, com os correspondentes depósitos detríticos carbonatados (Gonçalves & Telles Antunes, 1992).

No extremo oriental (onde estão implantadas as fossas 17 e 18), o substrato é de diorito e passa gradualmente a gabro à medida que nos aproximamos da área central do sítio, onde está localizada a maioria das estruturas negativas pré-históricas (fossas 2 a 16). Este fenómeno geológico parece ser frequente quando, nesta zona diorítica e quartzodiorítica, “localmente chega a observar-se a ocorrência de verdadeiros gabros, como acontece na pedreira situada a cerca de 500 m a norte do v.g. Torrão” (Gonçalves & Telles Antunes, 1992, p. 23). No interior de fissuras (diaclasses) formadas no gabro observa-se frequentemente o desenvolvimento de filões de calcite, formados por precipitação secundária de carbonatos de cálcio, por vezes bem desenvolvidos em tamanho.

No extremo ocidental do sítio começam a aflorar os depósitos detríticos da bacia do Sado (Formação de Vale do Guizo). Estes depósitos detríticos heterogéneos correspondem, nesta área, a um arenito de cimento carbonatado, medianamente compacto, onde não foram construídas estruturas negativas (pelo menos na área intervencionada). No entanto, é frequente a presença de blocos desta rocha, de média a grande dimensão, no interior das fossas pré-históricas.

2.2. Estruturas

Nas 11 sondagens implantadas no sítio da Horta do Cabral 6 foram escavadas 17 estruturas negativas interpretadas como fossas (Figura 2). Na sondagem 1 foi ainda escavado o embasamento de um poste de electricidade ou telefone, que não foi considerado nos elementos gráficos e estatísticos aqui apresentados.

Escavadas no substrato geológico local, estas estruturas têm formas sub-circulares e apresentam alguma diversidade de perfis (Figura 3). De acordo com as tipologias genéricas estabelecidas por F. Cavulli (2008) e A. C. Valera (2008), adaptadas à realidade em análise, foram definidos os seguintes tipos: perfil troncocónico (/ \), perfil troncocónico invertido (\ /), perfil cilíndrico (| |) perfil em forma de “saco” (U) e perfil semi-esférico (∩) (Tabela 1). Os diâmetros apresentam alguma regularidade, variando entre 105 cm e 140 cm para o diâmetro máximo, e entre 80 cm e 120 cm para o diâmetro mínimo. Pelo contrário, as profundidades têm uma variação que chega quase a 1 m, entre os 50 cm e os 145 cm.

O número de depósitos que cada fossa continha era variável, entre apenas um (fossas 2, 12 e 14) e quatro depósitos (fossa 6). As fossas 3, 4, 5, 7, 10, 13, 15 e 16

continham dois depósitos sedimentares, enquanto que as fossas 8, 9, 11, 17 e 18 continham três. Estes depósitos sedimentares eram compostos essencialmente por uma matriz fina, maioritariamente silto-sa. Nalguns casos, os sedimentos encontravam-se a embalar horizontes mais ou menos densos de blocos pétreos de tamanho médio a grande, que podiam ocorrer ao longo da sequência do preenchimento, quer no topo, em posição intermédia ou na base, não existindo qualquer padrão entre fossas para estes depósitos mais grosseiros. É de assinalar que no topo do enchimento da fossa 3 se encontrava um destes níveis com blocos pétreos de média dimensão e que, cerca de 50 cm por debaixo, encontrava-se o esqueleto correspondente ao enterramento de um veado jovem (ver ponto 3.1). Os blocos que compunham estes preenchimentos eram constituídos por rochas locais, como o gabro, o granito, o diorito e o conglomerado da formação de Vale do Guizo. A maioria destes elementos pétreos não apresentava aparente modificação antrópica; no entanto, e dado que a sua origem não é imediata, devem ser considerados como manuportes. Entre estes blocos foi registada a maioria dos elementos de pedra afeiçãoada que foram recolhidos (moventes, dormentes, etc.).

	Ø máx.	Ø mín.	Prof.	Perfil	Fundo
Fossa 2	130	80	50	semi-esférico	côncavo
Fossa 3	140	100	100	troncocónico invertido	plano
Fossa 4	110	95	105	troncocónico	plano
Fossa 5	120	110	90	cilíndrico irregular	plano
Fossa 6	120	110	90	cilíndrico	plano
Fossa 7	140	120	70	cilíndrico irregular	plano
Fossa 8	130	90	145	em forma de “saco”	côncavo
Fossa 9	120	90	100	troncocónico	côncavo
Fossa 10	130	100	140	em forma de “saco”	côncavo
Fossa 11	140	110	110	semi-esférico irregular	plano
Fossa 12	120	110	80	cilíndrico	plano
Fossa 13	130	80	110	troncocónico invertido	plano
Fossa 14	130	80	90	semi-esférico irregular	plano irregular
Fossa 15	120	90	75	troncocónico irregular	plano
Fossa 16	105	95	100	cilíndrico	plano
Fossa 17	125	100	70	cilíndrico irregular	plano irregular
Fossa 18	120	75	65	tronco-cone irregular	plano
média	125	96	94		
mediana	125	95	90		

Tabela 1 – Dimensões e características morfológicas das estruturas negativas da Horta do Cabral 6. Valores em cm.

2.3. Artefactos

2.3.1. Cerâmica

No total das estruturas negativas escavadas, apenas em catorze se recolheram elementos cerâmicos – nomeadamente, nas fossas 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 17 e 18, contabilizando tanto recipientes cerâmicos como elementos de tear (Figura 4). São maioritariamente fragmentos sem elementos caracterizadores (117 fragmentos, correspondendo a 79,1% do conjunto).

Os fragmentos com elementos caracterizadores (tais como bordos, fundos, carenas ou bojós com elementos de prensão/suspensão) encontravam-se em qualquer uma das estruturas escavadas, excluindo as fossas 3 e 4 (no conjunto são 31 elementos, o que corresponde a 20,9% do total de fragmentos de cerâmica). Assinala-se a inexistência de colagens entre fragmentos inter e intra fossas.

Não se reconhece nenhuma incidência específica de tipologias em estruturas particulares, registando-se uma certa distribuição homogênea das formas pelas estruturas escavadas.

Ao nível do fabrico, reconhecem-se dois tipos. O primeiro (Grupo 1), identificado em formas de pequena e média dimensão (taças carenadas, pequenos esféricos, pequenos globulares de bordo exvertido, pequeno recipiente de fundo plano), caracteriza-se por pastas compactas, com abundantes componentes não plásticos, maioritariamente de grão fino, com cozeduras e arrefecimentos maioritariamente redutores, com superfícies alisadas a polidas (por vezes, aproximando-se de brunido) (Figura 5).

O segundo tipo (Grupo 2), identificado em formas de grande dimensão (grandes esféricos, vasos troncocónicos e em forma de saco), caracteriza-se por pastas compactas a semi-compactas, com abundan-

tes componentes não plásticos de calibre médio a grosseiro, com cozeduras e arrefecimentos maioritariamente oxidantes, com superfícies rugosas a alisadas (Figura 6).

Em termos da composição mineral dos componentes não plásticos, independentemente dos tipos de fabrico, são observáveis macroscopicamente grãos angulosos de feldspatos, quartzos, gabros e moscovites, com registo minoritário de biotites, óxidos de ferro e nódulos de argila consolidada (chamota?). Não foi identificado qualquer elemento cerâmico com decoração.

Os elementos de tear (4 exemplares) encontraram-se exclusivamente nas fossas 8, 9 e 10 (Figura 7). São elementos espessos, de morfologia cilíndrica, com perfuração central, semelhantes aos recolhidos em Casarão da Mesquita 3 (Santos & *alli*, 2008). Apresentam pasta compacta a semi-compacta, com componentes não plásticos de grão médio a grosseiro.

2.3.2. Pedra Lascada

A indústria lítica encontra-se representada por alguns elementos talhados, sem grande expressão (9 peças), provenientes das fossas 4, 8, 9 e 17 (Figura 7). Este material resume-se a alguns resíduos de debitação - lascas corticais e esquirolas, assim como blocos testados e informes. Foi identificado, ainda, um núcleo prismático esgotado para lamelas, em quartzo (Tabela 2).

As matérias-primas utilizadas são maioritariamente locais, como o quartzo e o gabro, sendo que esta última encontra-se representada por apenas uma lasca e não se exclui a hipótese de que possa ser acidental, e que por isso mesmo esteja relacionada com a fragmentação de algum elemento de pedra afeiçãoada. O sílex (matéria-prima exógena) encontra-se unicamente representado por uma esquirola.

Classe tecnológica	Tipo	Matéria-prima	Total
Núcleo	remontante para lascas	quartzo	1
Núcleo	1 pp. p/lamelas	quartzo	1
Núcleo	informe p/lascas	quartzo	1
Núcleo	bloco testado	quartzo	1
Núcleo	1 pp. cortical p/lascas	pórfiro	1
Lasca		gabro	1
Lasca		quartzo	2
Esquirola		sílex	1
Total			9

Tabela 2 – Lista de elementos de pedra lascada presentes no sítio.

2.3.3. Pedra afeiçoada

Foram identificados 16 elementos de pedra afeiçoada. Entre eles contam-se dormentes, moventes e percutores, assim como elementos compósitos, tais como moventes/percutores e bigornas/percutores (Tabela 3). Os elementos de tendência arredondada (“esferóides”), comuns em contextos do Calcolítico e Idade do Bronze do Sudoeste peninsular, poderiam ser interpretados como “balas de funda”; contudo, ao apresentarem uma face aplanada, poder-se-á considerar a sua utilização como moventes (Figura 8).

As matérias-primas utilizadas são exclusivamente rochas duras de grão grosseiro, tais como o gabro e o pórfiro, sendo o quartzo e quartzito utilizados unicamente em elementos para percussão.

O grau de fragmentação e a existência de peças compósitas no sítio sugerem uma utilização intensiva deste tipo de elementos em actividades do quotidiano. Os elementos fragmentados encontram-se frequentemente associados a marcas de fogo.

Tipo	Total
Dormente	5
Movente	2
Percutor	6
Movente/percutor	2
Bigorna/percutor	1
Total	16

Tabela 3 – Lista de elementos de pedra afeiçoada presentes no sítio.

3. HORTADO CABRAL 6 – ARQUEOCIÊNCIAS E ARQUEOMETRIA

3.1. Estudo da Fauna

Dentro da fossa 3 foi escavado um esqueleto quase completo de veado (*Cervus elaphus*), em articulação, depositado sobre o lado esquerdo e com orientação Norte-Sul (Figura 9.A). As únicas partes conservadas do crânio eram as mandíbulas, os ossos maxilares, com os respectivos molares, osso incisivo e osso occipital. As extremidades das patas (falanges) dianteiras e traseiras também estavam ausentes.

Os membros posteriores encontravam-se flectidos e articulados e os anteriores distendidos, com os ossos carpais desarticulados e um pouco dispersos, sugerindo a desarticulação destes aquando do processo decomposição. A parte cervical da coluna,

embora articulada, encontrava-se dobrada no sentido posterior do esqueleto, ficando o crânio com a parte occipital voltada para a parte dianteira.

A mandíbula conservava, em articulação, os pré-molares de leite e o primeiro molar da dentição definitiva (M1) parcialmente visível (Figura 9.B). O M1 nos veados ibéricos germina entre os três e quatro meses de vida do animal e só termina o seu crescimento aos cinco meses (Azorit Casas, 2011). Estando o M1 ainda em crescimento, o veado da Horta do Cabral terá uma idade estimada à morte entre os 3 e os 5 meses.

A alteração das superfícies dos ossos, que impediu a conservação da superfície externa do osso, não permitiu a observação de marcas de manipulação antrópica como marcas de corte.

Na fossa 17 foi recuperado um fragmento de crânio de um *Bos taurus* (vaca) depositado sobre o osso occipital (Figura 9.C). Encontrava-se preservado grande parte do osso parietal, o frontal, incluindo os chifres, o osso occipital e o temporal (Figura 9.D).

Os restantes elementos faunísticos reportam-se a fragmentos não identificáveis que se encontravam nos depósitos das restantes fossas do sítio.

3.2. Paleobotânica

Neste estudo foram recuperados carvões das fossas 5, 6, 8, 10 e 18. Foram separados um total de 51 fragmentos de carvão, de dimensões superiores a 2 mm, para identificação taxonómica. A identificação taxonómica dos carvões foi realizada através da observação microscópica das três secções identificativas (transversal, longitudinal tangencial e longitudinal radial) a 100x e 200x no microscópio de luz incidente do ICArEHB (Leica 2500DP) e por comparação com atlas anatómico de árvores (Schweingruber, 1999) e colecção de referência de carvões actuais do ICArEHB.

O estudo permitiu a identificação dos seguintes taxa: cf. *Castanea*, *Erica arborea*, *Ericaceae*, *Quercus ilex/Q. coccifera*, *Quercus* subg. *Quercus*, *Quercus* sp., Monocotiledónea, Angiospérmica indeterminada. No que diz respeito à lista taxonómica (Tabela 4), não existem variações significativas entre as fossas, exceptuando a presença de um fragmento de cf. *Castanea* na fossa 6, ausente em todas as outras fossas. No entanto, tendo em conta o menor grau de certeza relativamente à identificação deste taxone e a tratar-se de apenas um fragmento, a sua presença não deve constituir um elemento diferenciador. Todas as fos-

sas apresentam, pelo menos, a presença *Quercus*, sendo que em todas se regista, também, presença de Angiospérmicas indeterminadas. A fossa 8 é a que

apresenta uma maior diversidade taxonómica, tendo a presença de todos os taxa identificados, com excepção de cf. *Castanea*.

	Fossa 5	Fossa 6	Fossa 8	Fossa 10	Fossa 18	Total
cf. <i>Castanea</i>		1				1
<i>Erica arborea</i>			1			1
<i>Ericaceae</i>			2	1		3
<i>Quercus ilex/Q. coccifera</i>	1	3	2	3		9
<i>Quercus</i> subg. <i>Quercus</i>			1		1	2
<i>Quercus</i> sp.	4	4	2		1	11
Monocotiledónea			1			1
Angiospérmica indeterminada	1	3	1	5	3	13
Indeterminados			8	1	1	10
Total	6	11	18	10	6	51

Tabela 4 – Resultados da identificação taxonómica dos carvões exumados das fossas 5, 6, 8, 10 e 18 da Horta do Cabral 6 (em números absolutos).

3.3. Datação pelo Radiocarbono

Procurou-se datar pelo radiocarbono duas amostras de ossos: uma proveniente do esqueleto de *Cervus elaphus* da fossa 3 (tíbia e fémur esquerdos) e outra do crânio de *Bos taurus* encontrado na fossa 17. No entanto, os ossos deste último encontram-se bastante degradados, não contendo já qualquer quantidade de colagénio (N = 0%). Assim só foi possível datar o cervídeo da fossa 3, fazendo uso da Espectrometria de Cintilação Líquida, obtendo-se a data convencional de radiocarbono Sac-3056: 2870 ± 80 BP, a qual foi calibrada fazendo uso da curva IntCal13 (Reimer & *alli*, 2013) e do programa OxCal (Bronk Ramsey, 2001). Na Figura 10 encontra-se a representação gráfica da distribuição de probabilidades, bem como os valores numéricos correspondentes. Tendo em conta este resultado, poderá atribuir-se à fossa 3 uma cronologia do Bronze Final do Sudoeste (ver Mataloto & *alli*, 2013, Quadro IV).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos desenvolvidos na Horta do Cabral 6 traduziram-se na realização de 11 sondagens de diagnóstico, implantadas no percurso do adutor, tornando possível a caracterização de um conjunto de 17 estruturas negativas de tipo *fossa*, com cronologia enquadrável na Idade do Bronze do Sudoeste. Escavadas no substrato geológico local, estas estruturas têm formas sub-circulares e perfis predomi-

nantemente cilíndricos a troncocónicos com o fundo plano ou com ligeira concavidade. Ao nível dos diâmetros (máximos) apresentam alguma regularidade, variando entre 105 cm e 140 cm, observando-se, no entanto, alguma disparidade no referente à profundidade (entre 50 cm e 145 cm).

Originalmente, o topo destas estruturas estaria representado por uma paleosuperfície sob a qual seriam escavadas. Esta paleosuperfície já não se encontra conservada, tendo contribuído para o efeito tanto fenómenos naturais (e.g. pedogénese) como antrópicos (e.g. trabalhos agrícolas com forte afectação do solo, em profundidade). Deste modo, as dimensões das fossas encontram-se sub-representadas, assim como a própria morfologia das estruturas, cuja truncatura erosiva não nos permite ter a sua forma completa. Reforçando esta ideia, assinala-se ainda a ausência de quaisquer níveis de ocupação sobre as estruturas negativas, assim como de estruturas em positivo (como empedrados, muros, etc.), tendo a acção erosiva perturbado a integridade do local.

As estruturas encontravam-se preenchidas, normalmente, por dois ou três depósitos, caracterizando-se também pela presença de alguns aglomerados de elementos pétreos, com litologias diversas.

No referente ao conjunto artefactual, foram recuperados elementos de cerâmica manual e de pedra lascada e afeiçãoada, tendo-se também registado a presença de fauna mamalógica, entre a qual se conta um veado juvenil quase completo que terá sido

depositado intencionalmente numa das estruturas negativas, sem quaisquer artefactos associados, materializando assim possíveis rituais de cariz simbólico indeterminado, não obstante poder tratar-se simplesmente do descarte de uma carcaça (e.g. razões sanitárias).

A observação do posicionamento dos diferentes elementos do esqueleto, nomeadamente na parte dos membros dianteiros, onde se verifica o deslocamento dos carpais, sugere que o processo de decomposição, pelo menos de alguns segmentos anatómicos, tenha ocorrido em espaço aberto. O esqueleto foi datado pelo radiocarbono da transição do 2º para o 1º milénio a.C., isto é, atribuível ao Bronze Final do Sudoeste.

A deposição de esqueletos de mamíferos no interior de estruturas negativas durante a Idade do Bronze (e mesmo noutros períodos da Pré-História recente), ainda que rara, não é inédita. Na estrutura 12 da Pedreira de Trigaches 2, foi encontrado parte de um esqueleto de um veado sub-adulto, tendo uma amostra de material ósseo fornecido a data de 2790 ± 180 BP (Sac-2369), enquanto que com uma amostra de cortiça, que devia forrar o interior da fossa, se obteve a data 3210 ± 50 BP (Sac-2328, ver Baptista & *alli.*, 2013, pp. 817-818; Mataloto & *alli.*, 2013, p. 318). Numa fossa da Horta do Jacinto (Baptista & *alli.*, 2012) e numa outra da Torre Velha 3 (Porfírio & Serra, 2014) foi encontrado, no primeiro sítio, um esqueleto de suíno que jazia por debaixo de um enterramento humano, datado de 3220 ± 50 BP (Sac-2632, ver Mataloto & *alli.*, 2013, p. 318), e, na fossa de Torre Velha 3, por cima de um esqueleto e outros restos ósseos humanos. Quanto a esqueletos de animais isolados ou em associação com outros esqueletos de animais, e sem ligação a práticas funerárias com enterramentos humanos, até ao momento, são ainda conhecidos em Alto de Brinches, onde se registaram canídeos e suínos na mesma estrutura negativa (Porfírio & Serra, 2014) e em Montinhos 6 (Costa, 2013), em que esqueletos de lebres e de corso se encontravam isolados na base de fossas.

Relativamente às formas cerâmicas, reconhece-se uma diversidade coetânea com outros contextos crono-culturalmente paralelizáveis. Com efeito, o conjunto da Horta do Cabral 6 reflecte os catálogos cerâmicos reconhecidos para sítios datáveis da Idade do Bronze, tendo sido identificadas formas carenadas (taças), esféricas, globulares de bordo exvertido, grandes vasos troncocónicos e em forma de

saco (principalmente reconhecidos por fragmentos de fundo), por vezes com elementos de prensão/suspensão (mamilos e pegas alongadas verticais), o que poderia indiciar uma diacronia abarcando toda a Idade do Bronze do Sudoeste, mas que parece ser especialmente representativa de momentos de uma fase terminal do Bronze Pleno, que se prolonga pelo Bronze Final (Mataloto & *alli.*, 2013).

Na análise antracológica, os *taxa* identificados demonstram a presença de espécies termófilas nas imediações do sítio, dados que são congruentes com os registos polínicos referentes à mesma cronologia e área geográfica (Santos & Sanchez-Goñi, 2003). Comparando com os dados antracológicos da ocupação calcolítica do Monte da Tumba, com cronologias do Calcolítico Inicial e Pleno (finais do 4º/inícios do 3º milénio a.C a meados do 3º milénio a.C., seg. Silva & Soares, 1987, p. 66; Soares & Cabral, 1987), denota-se uma menor diversidade taxonómica na Horta do Cabral 6. Ainda assim, em ambos os sítios se regista a presença maioritária de *Quercus* perenifólio e caducifólio, confirmando assim que estas duas espécies terão constituído parte importante da cobertura florestal da região durante o Quaternário recente (pelo menos entre finais do 4º e inícios do 1º milénio a.C.). A ausência de paralelos para a presença de *Castanea* em contextos destas cronologias no Sudoeste Peninsular, e a fraca presença desta espécie nos dias de hoje na região do Torrão, poderá levantar dúvidas sobre a sua classificação, não pondo de parte a hipótese de contaminação do contexto de recolha (e.g. penetração de raízes). A menor diversidade taxonómica da Horta do Cabral 6 estará relacionada, por um lado, com uma amostra significativamente menor à estudada para o Monte da Tumba – 477 fragmentos analisados e 17 taxons identificados (Badal, 1987, pp. 92-93) *contra* 51 fragmentos e 8 taxons, e por outro, com as próprias especificidades dos sítios e dos tipos de ocupação.

Apesar deste estudo preliminar ter permitido a identificação taxonómica dos carvões e, por conseguinte, identificado que espécies estariam a ser utilizadas como combustível no sítio, o reduzido número de fragmentos não permite avançar com interpretações relativas à funcionalidade das fossas. A presença dos carvões, de origem dispersa no preenchimento das fossas, indica que estes se encontram em posição secundária, resultando de resíduos de combustão realizada noutro local.

Não existem quaisquer indícios de reaberturas (to-

tais ou parciais) das estruturas, e a repetição que se verifica nas fossas, seja ao nível: a) das características sedimentares e intercalações de blocos na estratigrafia; b) da homogeneidade das pastas e tipologia da cerâmica; d) da distribuição da cerâmica e do restante material arqueológico; aliada à inexistência de vestígios de abatimentos das paredes por longa exposição das estruturas aos elementos naturais; levam a considerar que, pelo menos neste sector do sítio (que se prolongará para além dos limites intervencionados), existirá uma sincronia na utilização de muitas das estruturas, sendo a data obtida para o veado representativa da cronologia porventura atribuível a uma boa parte das estruturas intervencionadas.

A Horta do Cabral 6 enquadra-se num conjunto de sítios arqueológicos caracterizados pelo agrupamento de estruturas negativas tipo fossa e, normalmente, sem estruturas positivas preservadas, que têm vindo a ser identificados em diversos locais do Sul de Portugal, representando um tipo de ocupação da Idade do Bronze não conhecida até muito recentemente.

A interpretação da funcionalidade destas fossas não é fácil. De facto, a maioria está preenchida com depósitos que integram, normalmente, fragmentos cerâmicos, pouca indústria lítica, níveis de empedrados (por vezes, integrando alguns elementos de moagem), deixando poucas pistas sobre a sua(s) funcionalidade(s) e sobre a natureza dos sítios em que se integram (Valera, 2014).

BIBLIOGRAFIA

- AZORIT CASAS, Concepción (2011) – Guia para la determinación de la edad del ciervo ibérico (*Cervus elaphus hispanicus*) através de su dentición: revisión metodológica y técnicas de elección. *Anales*. Real Academia de Ciências Veterinárias de Andalucía Oriental, 24: 1, pp. 235-264.
- BADAL GARCIA, Ernestina (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. III – Estudo antracológico. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal, VIII, pp. 87-102.
- BAPTISTA, Lúcia, GOMES, Sérgio, COSTA, Cláudia (2012) – As dinâmicas de deposição no sítio pré-histórico de Horta do Jacinto (Beringel, Beja), In DEUS, Manuela ed. – *Actas do IV Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 18 a 20 de Novembro de 2010)*, Almodôvar: Município de Almodôvar, pp. 585-595.
- BAPTISTA, Lúcia; OLIVEIRA, Lurdes; SOARES, António M. Monge; GOMES, Sérgio (2013). Contributos para a discussão da construção da paisagem nas bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão (Beringel e Trigaches, Beja) entre IV^o e I^o Milénios a.C. In JIMÉNEZ ÁVILA, Jaime; BUSTAMANTE, Macarena. GARCÍA CABEZAS Miriam eds. – *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular (Villafranca de los Barros, 4-6 Octubre 2012)*, Villafranca de los Barros: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros, pp. 791-827.
- BRONK RAMSEY, Christopher (2001) – Development of the radiocarbon calibration program OxCal. *Radiocarbon*. University of Arizona. 43: 2A, pp. 355-363.
- CAVULLI, Fabio (2008) – Abitare il Neolitico. Le piu antiche strutture antropiche del Neolitico in Italia Settentrionale. *Preistoria Alpina*, 43: 1, pp. 480.
- COSTA, Cláudia (2013) – *Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das estruturas negativas da Pré-História Recente*. Tese de doutoramento, Universidade do Algarve.
- GONÇALVES, Francisco; TELLES ANTUNES, Miguel (1992) – *Notícia Explicativa da folha 39-D Torrão*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MATALOTO, Rui; MARTINS, José M. Matos; SOARES, António M. Monge (2013) – Cronologia Absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, Base de Dados, Tratamento Estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal. 20, pp. 303-338.
- PORFÍRIO, Eduardo; SERRA, Miguel (2014) – In death as in life. Ties between man and animals in the recent prehistory of lower Alentejo: two case studies from Alto de Brinches 3 and Torre Velha 3 (Serpa, Alentejo, Portugal). In DETRY, Cleia; DIAS, Rita, eds. – *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal, held at the Faculty of Letters, University of Lisbon, 8th-9th March 2012*, Oxford: Archaeopress, pp. 47-56.
- REIMER, Paula J.; BARD, Edouard; BAYLISS, Alex, BECK, J. Warren; BLACKWELL, Paul G.; BRONK RAMSEY, Christopher; BUCK, Caitlin E.; CHENG, Hai; EDWARDS, R. Lawrence; FRIEDRICH, Michael; GROOTES, Pieter M.; GUILDERTSON, Thomas P., HAFLIDASON, Haffidi; HAJDAS, Irka; HATTÉ, Christine; HEATON, Timothy J.; HOFFMANN, Dirk L.; HOGG, Alan G.; HUGHEN, Konrad A.; KAISER, K. Felix; KROMER, Bernd; MANNING, Sturt W.; NIU, Mu; REIMER, Ron W.; RICHARDS, David A.; SCOTT, E. Marian; SOUTHON, John R.; STAFF, Richard A.; TURNEY, Christian S. M.; Van der PLICHT, Johannes (2013) – IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves, 0-50,000 Years cal BP. University of Arizona. *Radiocarbon*, 55: 4, pp. 1869-1887.
- SANTOS, Filipe J. C.; AREZ, Luíz; SOARES, António M. Monge; DEUS, Manuela; QUEIROZ, Paula F.; VALÉRIO, Pedro; RODRIGUES, Zélia; ANTUNES, Ana Sofia; ARAÚJO, Maria Fátima (2008) – O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas «silo» do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, 11: 2, pp. 55-86.

SANTOS, Luísa; SÁNCHEZ-GOÑI, M. Fernanda (2003) – Lateglacial and Holocene environmental changes in Portuguese coastal lagoons 3: vegetation history of the Santo André coastal area. *The Holocene* 13, pp. 459-464.

SCHWEINGRUBER, Fritz (1990) – *Anatomie europäischer Hölzer. Ein Atlas zur Bestimmung europäischer Baum-, Strauch- und Zwergstrauchhölzer*. Haupt, Stuttgart.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I – Escavações arqueológicas de 1982-82 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal, VIII, pp. 29-79.

SOARES, António M. Monge; CABRAL, João M. Peixoto (1987) – O Povoado Fortificado Calcolítico do Monte da Tumba. VI. Cronologia Absoluta. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal, VIII, pp. 155-165.

VALERA, António (2008) – Recinto calcolítico dos Perdígões: fossos e fossas do Sector 1. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3, pp.19-27.

VALERA, António Carlos (2014) – Continuidades e descontinuidades entre o 3º e a primeira metade do 2º milénio a.n.e. no Sul de Portugal: alguns apontamentos em tempos de acelerada mudança. *Antrope*. 1, pp. 298-316.

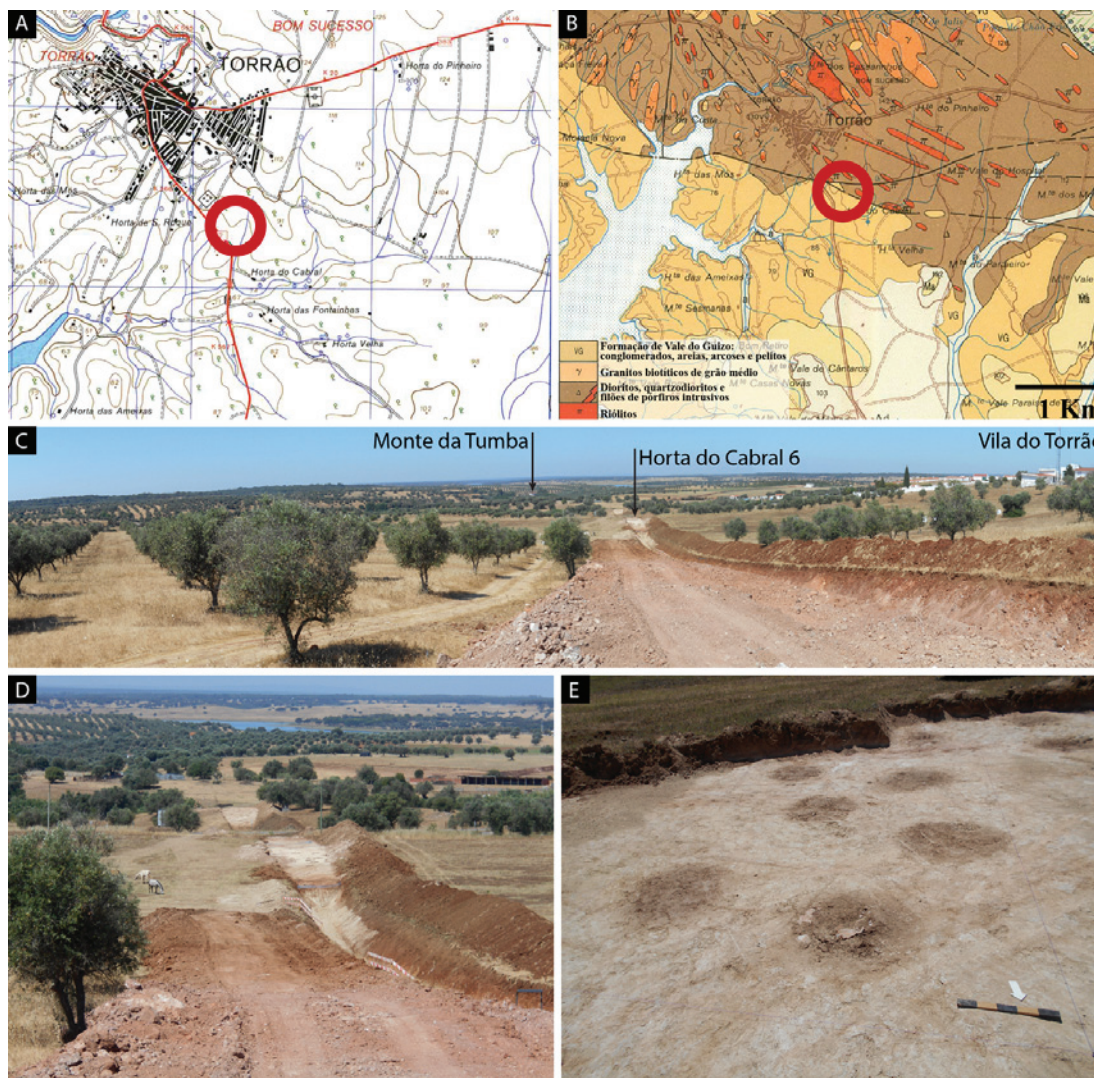


Figura 1 – A. e B. Localização da Horta do Cabral 6 nas C.M.P. (folha 487) e C.G.P. (folha 39-D), respectivamente. C. Vista panorâmica com localização da Horta do Cabral 6, do Monte da Tumba e do extremo SE da Vila do Torrão. D. Horta do Cabral 6 na área decapada. E. Pormenor das fossas antes da escavação.

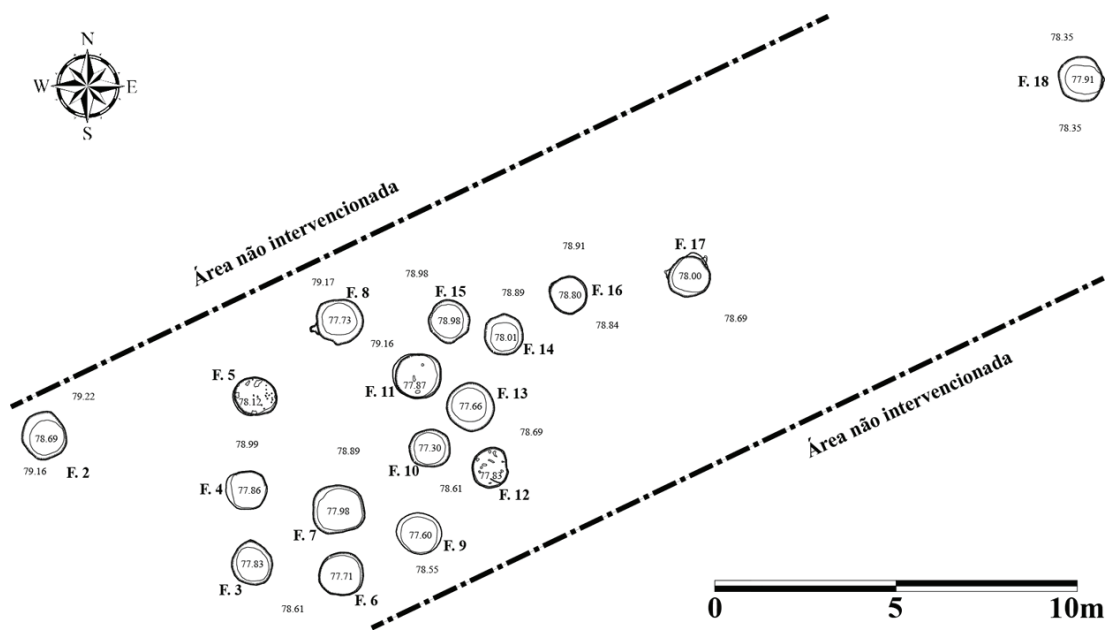


Figura 2 – Planta geral da Horta do Cabral 6. Cotas absolutas (*datum* de Lisboa) da superfície decapada e da base das estruturas negativas.

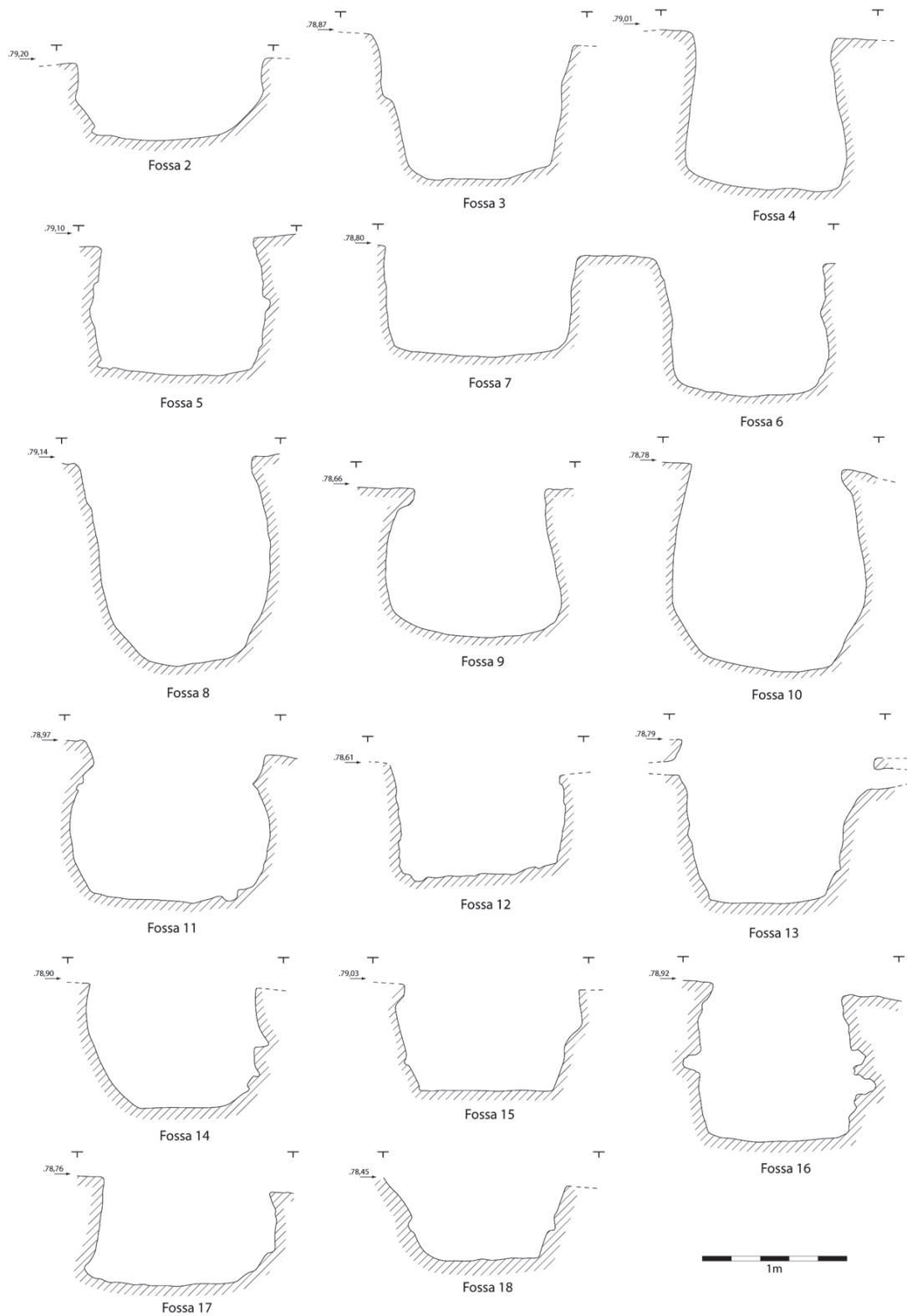


Figura 3 – Perfis das fossas da Horta do Cabral 6: perfil troncocónico (Fossas 4 e 9), perfil troncocónico invertido (Fossas 3, 13, 15 e 18); perfil cilíndrico (Fossas 5, 6, 7, 12 e 16); perfil em forma de “saco” (Fossas 8 e 10); perfil semi-esférico (Fossas 2, 11 e 14).

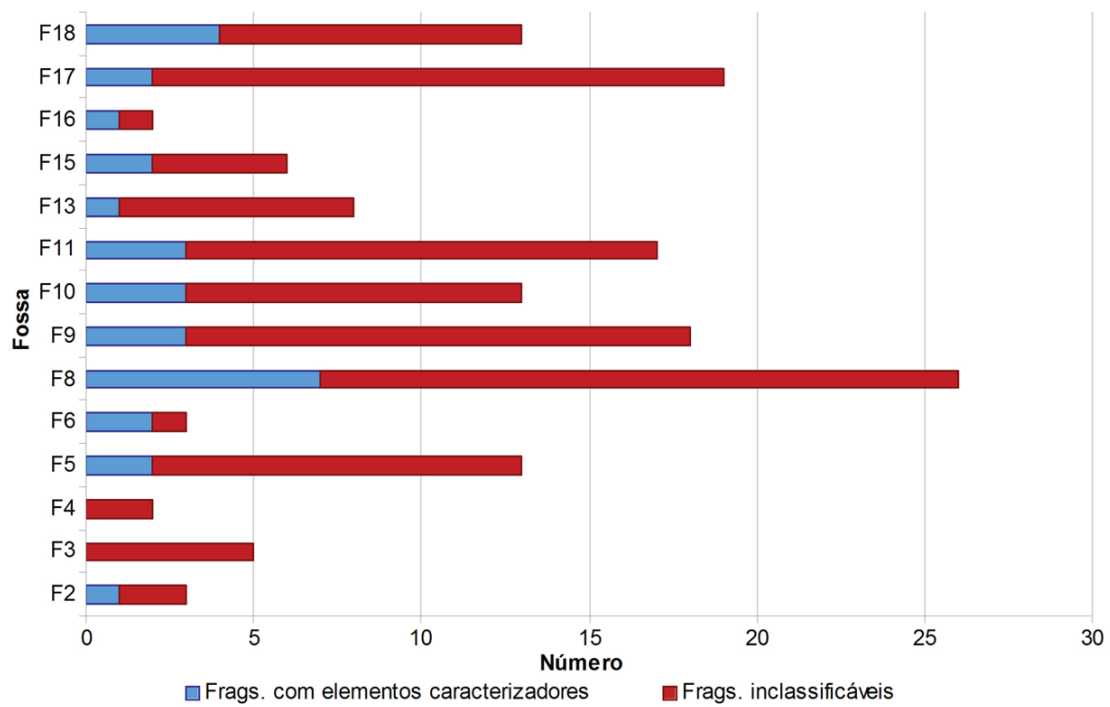


Figura 3 – Horta do Cabral 6. Distribuição dos elementos cerâmicos por fossa.

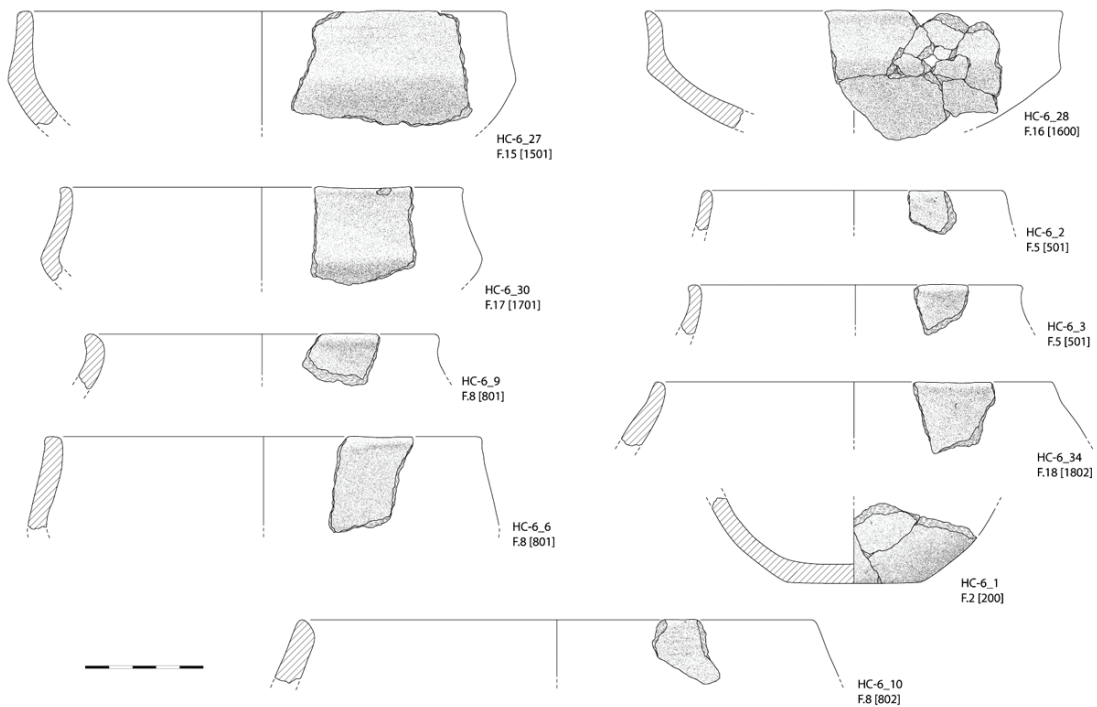


Figura 5 – Elementos cerâmicos do Grupo 1 recolhidos na Horta do Cabral 6: taças carenadas (HC-6_27, 28 e 30); pequeno esférico (HC-6_2); globulares de bordo exvertido (HC-6_3, 6, 9 e 34); pequeno recipiente de fundo plano (HC-6_1).

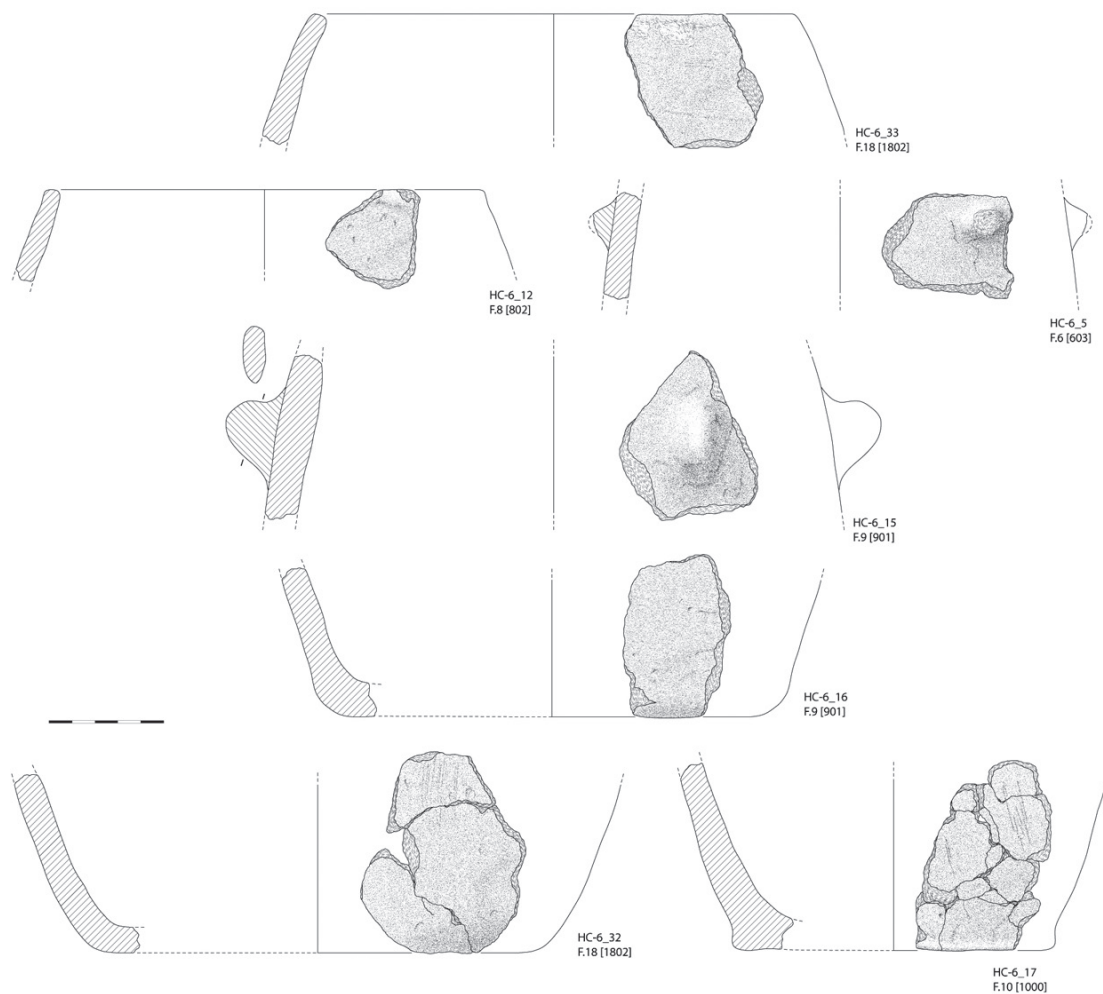


Figura 6 – Elementos cerâmicos do Grupo 2 recolhidos na Horta do Cabral 6: esféricos (HC-6_12 e 33); recipientes em forma de saco (HC-6_16 e 32); recipientes com elementos de preensão (HC-6_5 e 15); recipiente troncocónico com rebordo no fundo (HC-6_17).

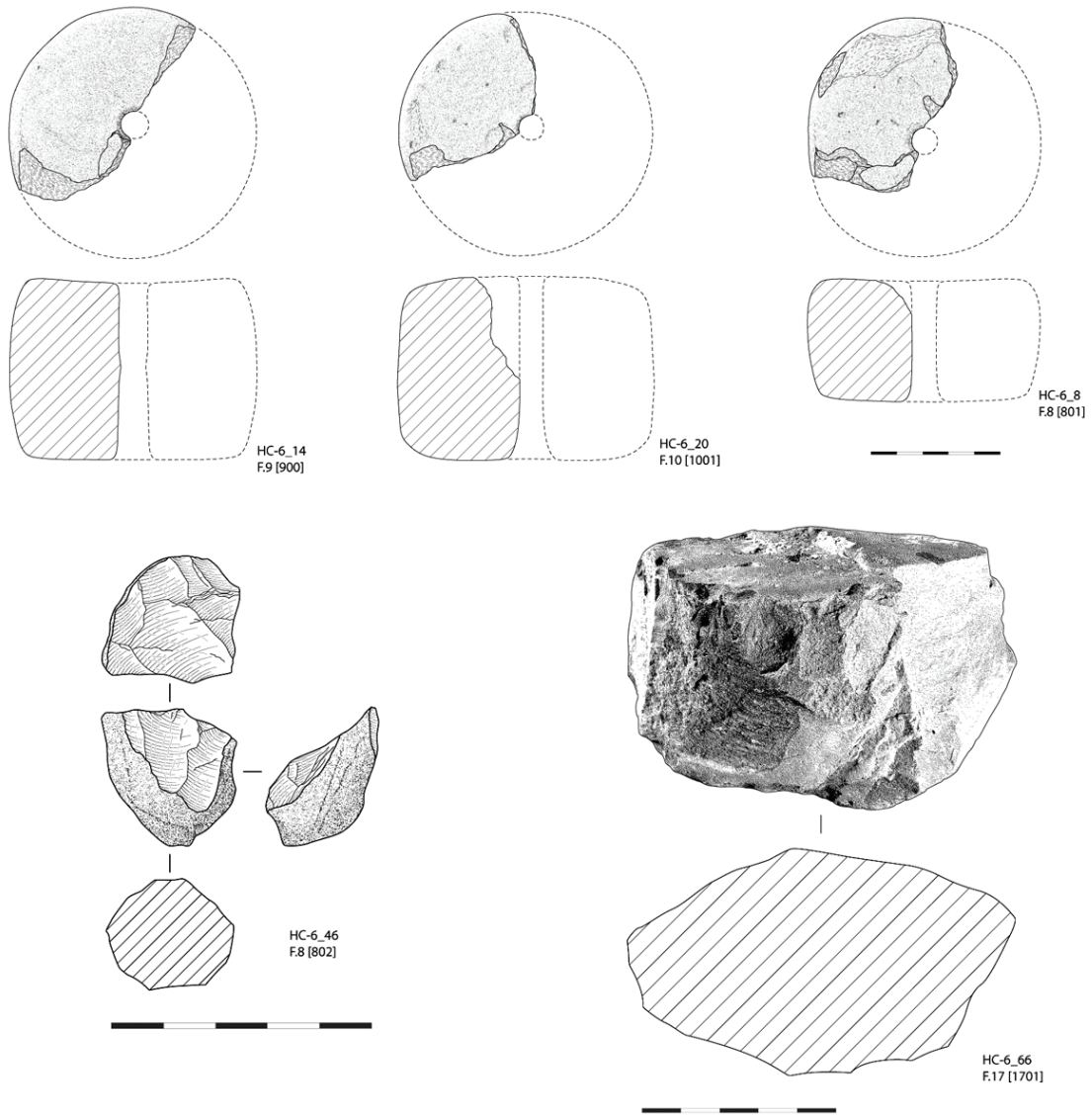


Figura 7 – Elementos de tear cilíndricos com perfuração central recolhidos na Horta do Cabral 6 (HC-6_8, 14 e 20). Elementos de pedra lascada recolhidos na Horta do Cabral 6: núcleo prismático de lamelas, em quartzo (HC-6_46); bloco de pórfiro sumariamente talhado (HC-6_66).

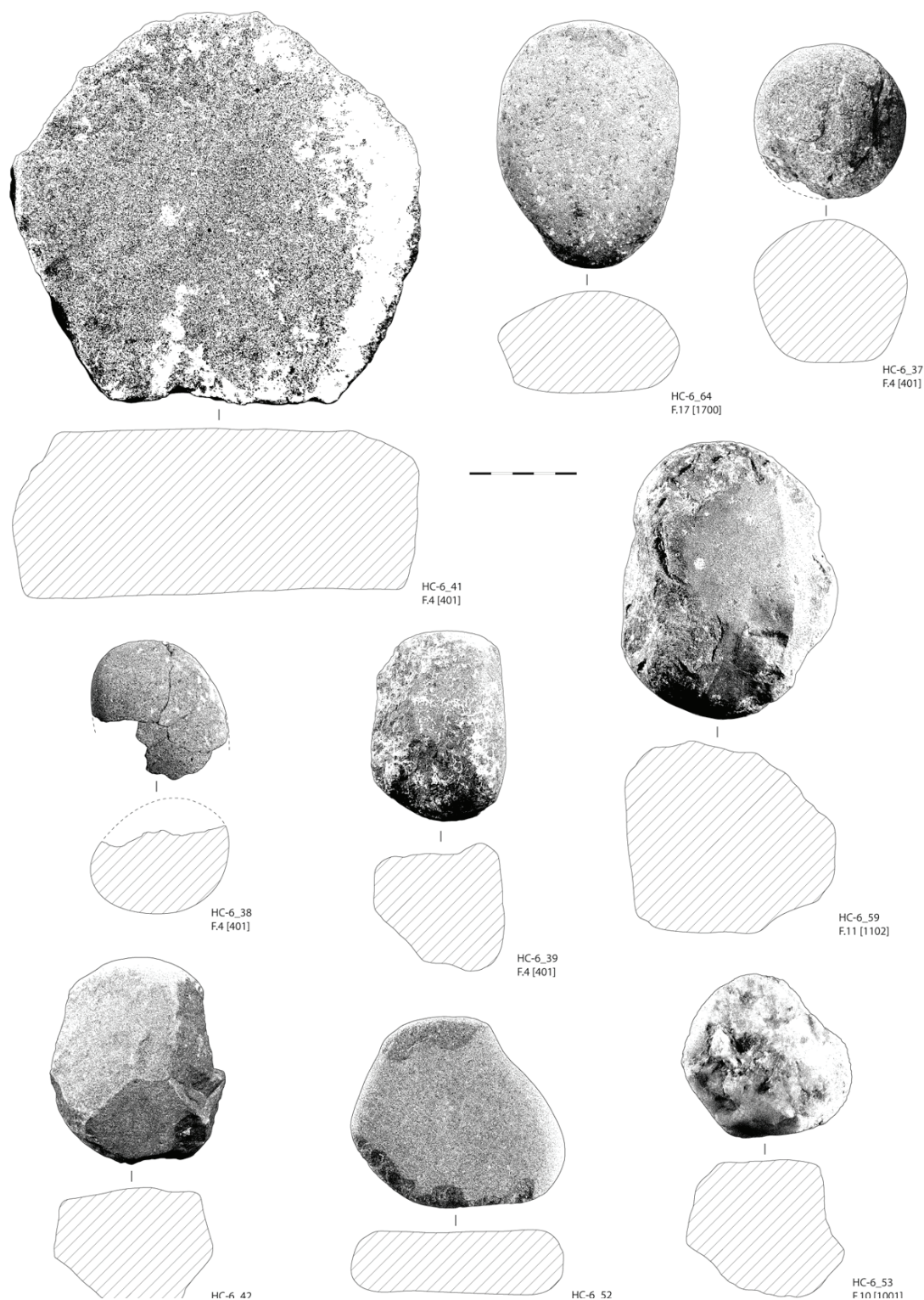


Figura 8 – Elementos de pedra afeiçoada recolhidos na Horta do Cabral 6: dormente em gabro (HC-6_41); movente em gabro (HC-6_64), “esferóides” em gabro (HC-6_37 e 38); percutores em pórfiro (HC-6_39 e 59), gabro (HC-6_42 e 52) e quartzo (HC-6_53). Movente também usado como percutor (HC-6_64); percutor também usado como bigorna (HC-6_52).



Figura 9 – Fauna da Horta do Cabral 6. A. Ortofoto da deposição de *Cervus elaphus* no interior da fossa 3 [301]. B. Detalhe do crânio do mesmo veado. C. Ortofoto do nível [1701] onde foi recolhido um crânio de *Bos taurus*. D. Detalhe do crânio do mesmo bovívdeo.

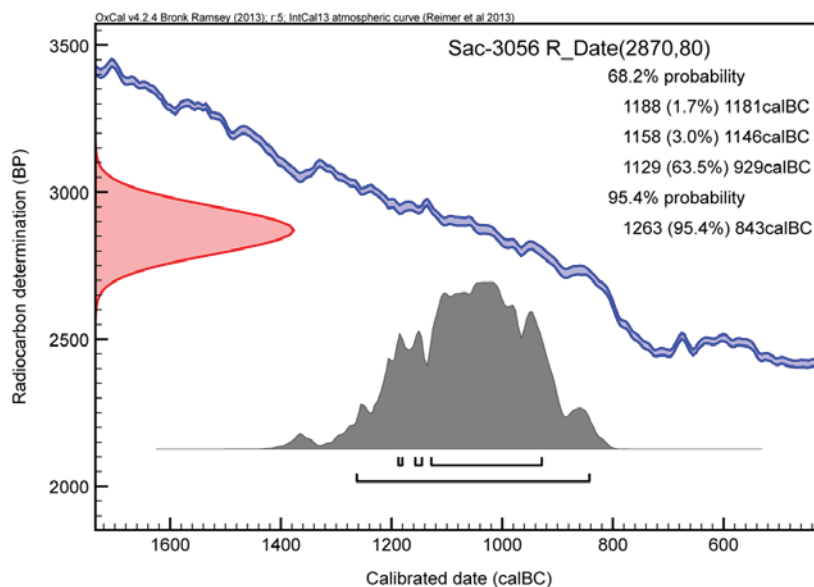
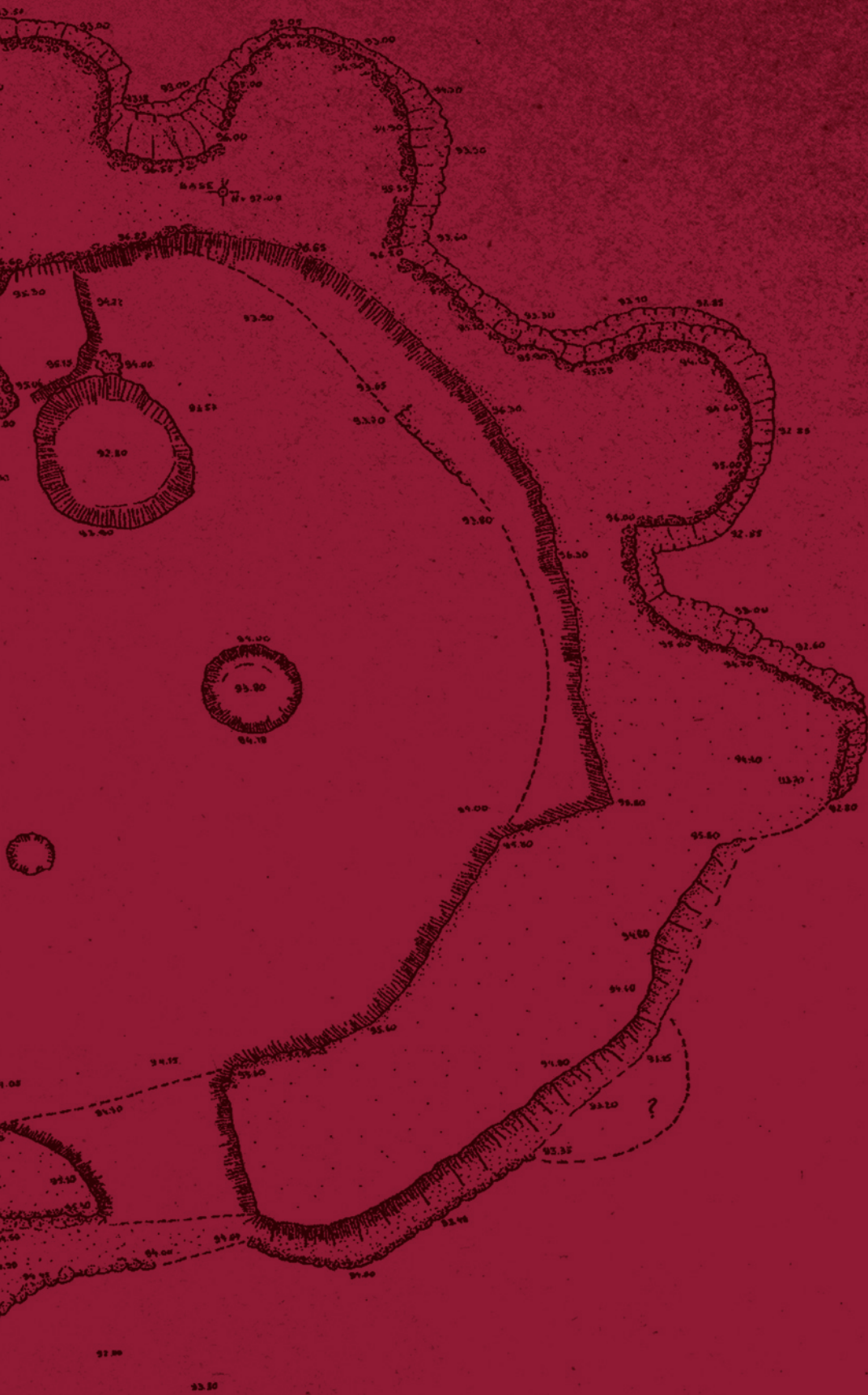


Figura 10 – Representação gráfica da data obtida para o cervívdeo depositado na Fossa 3 de Horta do Cabral 6 (Sac-3056: 2870±80 BP), calibrada com recurso ao programa OxCal v.4.2.4 (Bronk Ramsey, 2001), usando a curva de calibração IntCal13 (Reimer & *alli*, 2013).



Patrocinador oficial